



De Peucer ao “Jornalismo Pós-Industrial”: discussões sobre jornalismo que perduram há mais de 300 anos

Janaína Kalsing¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de identificar elementos existentes na primeira tese de jornalismo, chamada “De relationibus novellis” (Os relatos jornalísticos), escrita por Tobias Peucer, em 1690, que podem ser considerados atuais na discussão sobre jornalismo. No estudo, o autor reflete sobre ética, critérios de noticiabilidade e o papel do mercado na configuração da informação. Para verificar se há como situar esses elementos hoje, será utilizada como referência o dossiê “Jornalismo Pós-Industrial: Adaptação aos novos tempos”, de 2012, que apresenta um diagnóstico da crise mundial em que se encontra a atividade. Embora mais de 300 anos separem os dois textos, há questões em comum, como a discussão sobre o que é notícia e os papéis do jornalista. Apesar de, atualmente, haver novas preocupações, da ordem dos negócios e da relação com a tecnologia, a essência do jornalismo ainda é tema de discussão.

Palavras-chave: Tobias Peucer; jornalismo; Jornalismo Pós-Industrial

1. Introdução

O Jornalismo é um terreno fértil e dinâmico para pesquisadores, especialmente com as inúmeras transformações que vêm sofrendo desde o surgimento das tecnologias e da internet. Mas há questões que permeiam essa área do conhecimento que surgiram no século XVII e ainda são motivo de discussão, tendo em vista sua atualidade.

É o caso da primeira tese de doutorado de jornalismo, denominada “De relationibus novellis”, escrita por Tobias Peucer em 1690. A tese, defendida na Universidade de Leipzig, na Alemanha, é composta por 29 capítulos interligados, que refletem sobre

¹ Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), mestrado em Agronegócios pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015) e mestrado em Estudos dos Media e Jornalismo pela Universidade Nova de Lisboa (2010). Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e editora de área no jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação, edição e produção de texto e jornalismo digital.

questões de agendamento, ética no jornalismo, relações entre jornalismo e história e função do mercado na configuração da informação, temas discutidos na Teoria do Jornalismo contemporâneo.

O trabalho de Peucer não se equipara a uma tese de doutorado nos moldes aos quais apresentamos no Brasil, por exemplo. São apenas parágrafos conectados, de textos breves, mas há um tom contemporâneo no entendimento do autor sobre Jornalismo. Ainda assim, de acordo com Souza (2004), Peucer pode ser considerado o progenitor da Teoria do Jornalismo, uma vez que ele apontou caminhos para a pesquisa e reflexão que outros autores só começaram a seguir dois séculos mais tarde.

De acordo com Tambosi (2004), Peucer teve o mérito de sistematizar os principais conceitos da recém-nascida imprensa periódica. Seus pressupostos teóricos e suas regras técnicas correspondem à “cultura da notícia”, que começa a se consolidar nos principais centros da Europa, principalmente na Holanda, em função da expansão do comércio e da proliferação de periódicos. Passados mais de 300 anos, o que se percebe é que o autor alemão apontou questões centrais em torno das quais ainda se tenta construir atualmente uma teoria da notícia e do jornalismo.

Um dos textos mais atuais sobre preocupações com questões que permeiam o jornalismo na atualidade é o dossiê “Jornalismo Pós-Industrial: Adaptação aos novos tempos“, produzido pelo Tow Center for Digital Journalism da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia (2012, EUA). Apontado pelos autores como “uma parte pesquisa, uma parte manifesto”, trata de questões relacionadas ao que os seus autores – C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky – classificam como jornalismo pós-industrial.

Embora o foco da pesquisa seja a imprensa norte-americana, as lições a serem tiradas, como dizem os autores, servem a todos os interessados nos rumos da indústria. No relatório, os pesquisadores afirmam que já não existe mais a indústria jornalística tal como era e que se mantinha em pé por condições que também já não existem mais. Na última década, as pessoas passaram a ter mais liberdade para se comunicar, e a imprensa não é a única que consegue tornar uma informação pública.

De acordo com o dossiê, essas mudanças causaram a queda na qualidade do jornalismo americano, e é preciso pensar em novas possibilidades e novas formas de orga-

nização para que a situação possa melhorar. No entanto, ainda é prevista uma piora no jornalismo antes que a qualidade volte a subir.

No manifesto, os autores partem de cinco convicções sobre o jornalismo: 1) O jornalismo é essencial; 2) O bom jornalismo sempre foi subsidiado; 3) A internet acaba com o subsídio da publicidade; 4) A reestruturação se faz, portanto, obrigatória; e 5) Há muitas oportunidades de fazer um bom trabalho de novas maneiras.

Os princípios revelam que a prática jornalística é essencial à medida que expõe a corrupção, torna públicas as injustiças sociais, faz com que promessas políticas não sejam esquecidas ou negligenciadas, tem caráter de utilidade aos cidadãos e contribui como formadora de opinião. No entanto, não é toda prática jornalística que tem valor significativo. “Jornalismo Pós-Industrial” confere valor indispensável ao *hard news*, que é a cobertura de notícias sérias e que, de acordo com o dossiê, pode transformar o pensamento social. São, segundo os autores, o *hard news* que distingue jornalismo da publicidade.

Assim, apontam os pesquisadores, não é possível praticar o mesmo tipo de jornalismo que vem sendo feito. É necessária uma mudança de formatos para que o jornalismo não se transforme, aos poucos, em publicidade, com matérias “pagas” ocupando a maior parte do que se lê. A transformação ocorrerá quando os jornalistas compreenderem que não podem mais apenas narrar os acontecimentos, pois praticamente qualquer pessoa o faz atualmente, tendo em vista o arsenal de ferramentas disponíveis.

Os autores norte-americanos afirmam que é necessário dar um contexto ao que se diz, buscar novos ângulos, novas fontes, para que os conteúdos gerem repercussão e discussão, e não sejam apenas distração. Avaliam que é possível aproveitar os recursos disponíveis a cidadãos comuns, amadores, como fotos, vídeos e áudios, sem eliminar a necessidade de um jornalista.

O papel do jornalista – como porta-voz da verdade, formador de opinião e intérprete – não será reduzido a uma peça substituível para outro sistema social, uma vez que o profissional não é mero narrador de fatos. Os autores dizem que, hoje e em um futuro próximo, a necessidade já está clara:

Um exército de profissionais que se dedique em tempo integral a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados, e que não se limite apenas a tornar disponível a informação (mercadoria pela qual somos hoje

inundados), mas que contextualize a informação de modo que chegue ao público e nele repercuta (p. 34).

Embora mais de trinta décadas separem o texto de Peucer dos pesquisadores norte-americanos, o objetivo deste artigo é criar uma aproximação entre os autores e identificar elementos existentes na primeira tese de jornalismo que sejam abordados no dossiê de 2012. Para alcançar os objetivos propostos, foram identificados, agrupados e explicados os principais temas presentes nos 29 tópicos apresentados por Peucer em sua tese. Depois, recorreu-se ao dossiê para verificar o que há de comum com a tese do século XVII e a abordagem aplicada, na tentativa de fazer uma aproximação entre os textos.

2. Questões peucerianas sobre o Jornalismo

Peucer, como observa Souza (2004), tinha o dom de ser um sagaz observador da diversificada imprensa informativo do século XVII, época em que viveu, propondo uma primeira “teoria do jornalismo”. Naquele tempo, não se falava em jornalismo, mas, paradoxalmente, o campo jornalístico começa a se consolidar.

Os pressupostos teóricos e as regras técnicas que o autor enuncia correspondem à “cultura da notícia”, de acordo com Tambosi (2004), que começava a se consolidar nos principais centros da Europa, especialmente na Holanda, por causa da expansão do comércio e da proliferação de periódicos. Peucer remete, portanto, às origens do jornalismo. O próprio termo “jornalista” passou a ser utilizado em francês, inglês e italiano somente por volta de 17003, aponta Tambosi (2004).

Sousa (2004) faz ainda uma importante ponderação: Peucer não foi o primeiro estudioso do século XVII a debruçar-se sobre os fenômenos pré-jornalísticos daquele tempo, nem foi o primeiro autor a contribuir para o entendimento do jornalismo. Quando o autor alemão escreveu a sua tese há haviam teóricos de outros campos do conhecimento, como os da filosofia, da história, da jurisprudência, da ética e da moral que se podiam aplicar ao jornalismo emergente naquele período.

Alguns dos autores de que Peucer se serviu, diz Souza (2004), eram seus contemporâneos, mas outros remontavam à antiguidade grega e romana. No campo da retórica, Peucer socorreu-se de antigos filósofos e retóricos gregos e romanos, como Fábio Quintiliano ou Cícero, que, entre outros contributos para os estudos jornalísticos, há

mais dois mil anos foram fixando para a posteridade a fórmula dos para contar novidades (questão de sujeito, objeto, lugar, tempo, causa e maneira).

Nos 29 capítulos de Peucer, se observa uma constante preocupação com questões centrais em torno das quais se tenta construir atualmente uma teoria da notícia e do jornalismo. Uma delas é o conceito de notícia, talvez o ponto mais central do texto de Peucer. Porém, foram identificados outros tópicos importantes. Então, para melhor compreensão, vamos agrupá-los em sete tópicos e conceituá-los.

A) Definição de notícia

Logo no começo de sua tese, Peucer afirma que, já na sua época, havia abundância de notícias (*novellae*). Embora tenham sido utilizadas com diferentes denominações, como “nova comunicação”, ele preferiu empregar o termo “relatos” (*relationes*). Enfatiza, ainda, que não é possível precisar a origem e o ano exato desse tipo de relato (capítulo VI).

Peucer afirma que os relatos jornalísticos (*relationes novellae*) contêm “notificações de coisas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja (capítulo IV). Esses relatos levam em conta a sucessão exata dos fatos que estão inter-relacionados e suas causas, limitando-se a uma simples exposição, “unicamente a bem do reconhecimento dos fatos históricos mais importantes” ou, então, “misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública, tendo em vista que o “leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção”. Referem-se a coisas “novas” (capítulo XIX), contam com “certa utilidade e atualidade” (capítulo XXIV) e satisfazem a “curiosidade humana (capítulo VIII).

Para Peucer, as notícias podem ser sujeitas à pressão tempo, por isso podem se tornar relatos “precipitados” (capítulo VI). Elas se limitam “a uma simples exposição, unicamente a bem do reconhecimento dos factos históricos mais importantes” (capítulo IV), onde se põe “por escrito a memória dos acontecimentos”.

Elas se caracterizam também por versarem sobre “coisas singulares” (capítulo XV). Adverte, porém, que como a possibilidade de escolha de notícias é quase infinita, torna-se necessário “estabelecer uma seleção de modo a que seja dado preferência aqueles que merecem ser recordados ou conhecidos” (capítulo XV).

B) Utilidade das notícias para os leitores

De acordo com Peucer, as notícias relatadas são “propagadas pela voz pública” (capítulo IV), quem as lê tem a possibilidade de satisfazer “a sede de novidades dos companheiros e dos grupos de amigos” (capítulo XXIV). Por meio dos jornais, é possível conhecer “os direitos entre os príncipes (...) juntamente com as deliberações, os artificios e os costumes” (capítulo XXVI).

Peucer evidencia na sua tese que os leitores consomem jornais para satisfazer a curiosidade (capítulos IV, VIII, XIV, XXIV e XXV) e pela necessidade de saber as novidades (capítulo XXIV).

C) Jornalismo e história

A missão do jornalista, segundo Peucer, é incluir ou excluir determinados acontecimentos na história. A atividade se baseia na construção da história da vida diária, em narrar os “fatos históricos mais importantes (capítulo IV) e colocar “por escrito a memória dos acontecimentos” (capítulo VI).

De acordo com o autor, há muitas formas de história: aquela que se apresenta “como um fio contínuo, conservando a sucessão precisa dos factos históricos”, sendo “denominada universal”; e a que se apresenta sob a forma de “coisas esparsas”, “histórias sem ordem”, “em formato de miscelânea (...), história variada ou multiforme”.

Essa desordem apresentada nos jornais é, segundo o autor, feita por pessoas que “se encontram quase desprovidos daquilo que é necessário para estabelecer a história escrita (...) como conhecimento dos factos, competência, juízo elevado, documentos autênticos obtidos em arquivos não suspeitos (...) e a linguagem e o estilo adequados à história” (capítulo XXVI).

Na visão peuceriana, os jornais são feitos por pessoas “doutas e insignes”, ainda assim, eles têm “utilidade pública”, principalmente para as pessoas (em especial, eruditos) conhecerem os atos e os agentes do poder (capítulo XXVI).

Peucer explica que a missão do jornalista é escrever história universal e que o jornalismo é responsável pela inclusão de alguns acontecimentos nessa mesma história: “se acontece que a partir deles (jornais) as coisas narradas passam também à história propriamente dita, há de se compreender que nem todos, mas somente de uns poucos, os que foram registados com certa acurácia e aplicação é que passam à história” (capítulo XXIII).

O autor alemão também salienta que é preciso cuidado por parte dos historiadores do futuro que forem consultar os jornais do seu tempo, pois tomar os jornais por “documentos confiáveis” pode “obscurecer a memória da posteridade” (capítulo XXIII).

D) Força do mercado

A força do mercado se mostrava determinante já no século XVII. De acordo com Peucer, “a busca de lucro tanto da parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciam” foi uma das razões que levou ao aparecimento dos jornais (capítulo VIII).

Embora avalie que o jornal tenha papel social, Peucer afirma que há constrangimentos relacionados ao lucro na produção dos periódicos. Há, segundo ele, o desejo de lucro dos seus proprietários (capítulo VIII) que buscam, primordialmente, satisfazer a curiosidade humana a serem úteis, não fazer história: “os relatos jornalísticos não costumam escrever tendo em vista a posteridade, senão tendo em vista a curiosidade humana” (capítulo XXIII).

E) Dependência de fontes

O autor alemão também evidencia a dependência das fontes e parece sugerir pluralidade. No capítulo XIV, o autor afirma que “é preciso averiguar se quando um fato acontecido recentemente é anunciado imediatamente em locais diversos, é confirmado pelo testemunho de muitos”. Se houver discordância, confere-se “credibilidade provável às coisas narradas, de sorte que afinal ao mais sério, pode suceder-lhe que algumas vezes se lhe misture coisas falsas com coisas verdadeiras sem culpa sua”.

Peucer vai além na questão das fontes e afirma que, quando o jornalista não presencia o acontecimento, pode tornar-se um fator de constrangimento, já que é “merecedor de mais credibilidade o testemunho pessoal” (capítulo X). Também recomenda cautela na consulta de documentos para produzir notícias. Esses papéis devem ser “autênticos, obtidos de arquivos não suspeitos” (capítulo XXVI).

F) Critérios de noticiabilidade

Os termos noticiabilidade e valores-notícia não aparecem na tese, mas o autor tece observações sobre o que deve e não deve ser noticiado (capítulos XV e XVI). Para ele, as notícias devem versar sobre “coisas (...) acontecidas recentemente” (capítulo IV), “fatos históricos mais importantes” (capítulo IV), temas de interesse cívico (o que é útil

e as pessoas devem conhecer), o que é insólito, o que é negativo, como as catástrofes e as guerras, o que se passa com as pessoas ilustres, etc.

Os interesses e desejos da audiência também condicionam a noticiabilidade. Segundo Peucer, os jornais são apelativos porque propõem ao “leitor curioso (...) variedade de carácter ameno” (capítulo IV). Ou seja, os jornais devem ser variados e equilibrados. Na produção jornalística, Peucer afirma que há risco de sanções, afirmando que “é coisa perigosa escrever sobre aquilo que pode lhe mandar ao degredo” (capítulo XVII) e de censura prévia (capítulo XXVIII).

G) Função do jornalista e do jornalismo

Peucer faz duras críticas à imprensa da sua época, tanto que a acusa de publicar “coisas de pouco peso” (capítulo XVI) e “desgraças humanas” (capítulo XVI), além de “anunciar fábulas falsas junto com histórias verdadeiras” (capítulo VII).

As notícias, segundo o autor, devem ser “verdadeiras e úteis” (capítulo IX). Quem as escreve tem de ter “as qualidades do bom historiador” (capítulo IX). Também é necessário “o juízo, a mais exímia qualidade do intelecto, para que, por meio dele, as coisas dignas de crédito sejam separadas dos rumores infundados que se correm; as leves suspeitas e as coisas públicas daquelas que merecem ser contadas” (capítulo XI).

Peucer também expõe valores éticos do jornalismo. Afirma que não se pode mentir nem dizer coisas falsas, pois se corre o risco que o outro forme uma opinião falsa ou seja enganado, até porque os jornais transmitem credibilidade. Também é preciso averiguar os fatos e versar sobre é útil, e não do desconhecido e das banalidades sensacionais, por vezes mentirosas ou exageradas, que as pessoas querem saber (capítulos XIV e XVI). O autor alemão também afirma que é preciso ter coragem para dizer a verdade (capítulo XIII). Por outro lado, de forma paradoxal, explica que “é perigoso escrever sobre aquilo que pode lhe mandar ao degredo”, como as coisas que “os príncipes não querem que sejam divulgadas” (XVII).

O bom senso também é apontado como crucial para discernir sobre o que é uma informação relevante daquela que não o é, evitando a difusão de notícias sem importância (capítulo XV). Peucer defende a ideia de que não deve ser publicada uma informação que “prejudique os bons costumes ou a verdadeira religião, tais como coisas obscenas, crimes cometidos de modo perverso, expressões ímpias dos homens” (capítulo

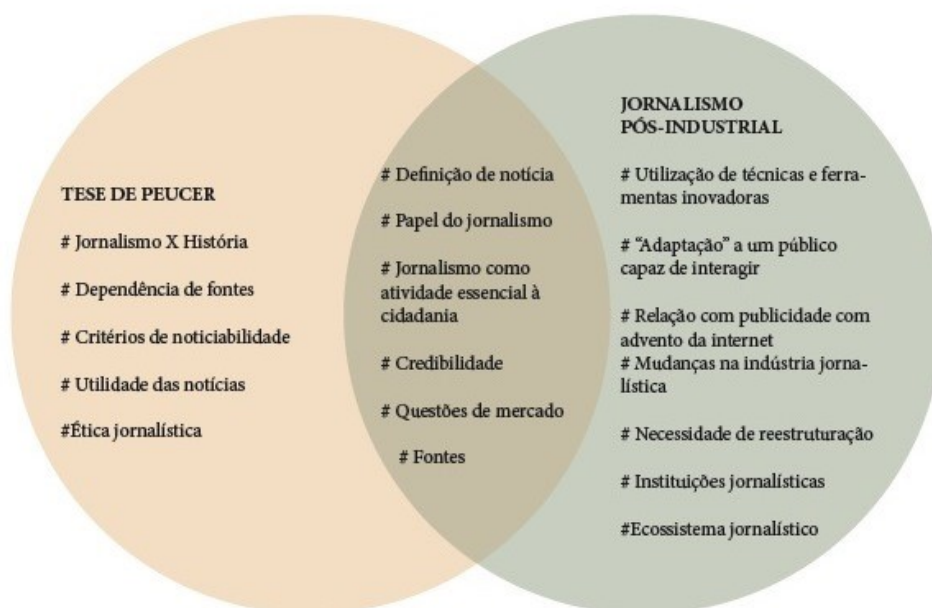
XVIII). O autor alemão afirma ainda que uma qualidade pessoal do jornalista é a sua capacidade de julgamento noticioso. Essa capacidade é apontada como formatadora das notícias no (capítulo XI).

Embora Peucer não aprofunde a questão do distanciamento social, ele dá pistas de que já existia, ao afirmar que, para atrair utilidades cívicas do jornal, é preciso “um conhecimento de geografia, dos negócios civis e, sobretudo das coisas do palácio. Dado que isso são poucos os que têm a sorte de conseguir, é claro que estas utilidades não as pode explicar quem quer que seja” (capítulo XVII).

3. Peucer versus “Jornalismo Pós-Industrial”

Na tentativa de fazer uma aproximação entre os dois textos, é possível encontrar tópicos de discussão em comum (Figura 1), embora com abordagens distintas. Como o objetivo deste artigo é avançar em questões comuns, tendo como base a tese de Peucer, não iremos dissecar o dossiê norte-americano, assim como fizemos com o trabalho do pesquisador alemão. Incluiremos, porém, pontos que são abordados exclusivamente no manifesto, embora não os desenvolva.

Figura 1 – Abordagens comuns aos autores



Fonte: Elaborado pela autora (2017)

A partir de agora, vamos discorrer sobre essas questões comuns aos autores.

A) O que é notícia?

Se no texto do século XVI notícia é tratada como “a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar” (capítulo III), no dossiê de 2012 os autores dizem que, muito do que se produz hoje, não passa de entretenimento ou diversão. No texto, os autores sustentam que vão lidar apenas com o lado sério do jornalismo (*hard news*). Na crise atual, afirmam, “a notícia séria é o que importa” (p.33). Para dizer o que é notícia séria, utilizam a prova dos nove de Lord Northcliffe: “Notícia é algo que alguém, em algum lugar, não quer ver publicizado. Todo o resto é publicidade” (p.33). O que tem impacto é a cobertura de fatos importantes e reais capazes de mudar os rumos da sociedade.

Os autores do século XXI dizem que *hard news* é o que distingue o jornalismo de outra atividade comercial qualquer. Sempre haverá público para a cobertura de esportes, de celebridades, de jardinagem, de culinária – mas não haveria grande impacto para o país se toda essa atividade fosse feita por amadores ou máquinas. O que tem impacto, sim, é a cobertura de fatos importantes e reais capazes de mudar os rumos da sociedade. Os autores ainda salientam que as notícias sérias são as que têm verdadeira importância, pois cobrem fatos que são capazes de mudar a sociedade.

A preocupação de definir o que é notícia é antiga e abarca várias questões. Park, em 1922, por exemplo, considerava que as notícias tinham como incumbência a construção da coesão social. Elas permitem às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através de suas ações, construir uma identidade comum: “A função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência sociedade” (PARK, 1972, p.183).

Alsina (1996), ao estudar a construção semiótica dos discursos jornalísticos e a existência dos mundos de referência como um dos elementos da produção das notícias, define notícia como “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (p.185).

B) Papel do jornalista

Peucer afirmava que o bom “jornalista” apresentava duas características, em parte relacionada com o intelecto, em parte com a vontade (capítulo IX). Ao intelecto, segundo o pesquisador alemão, cabe o conhecimento das coisas que serão registradas nos relatos públicos. Aliado a isso, é necessário juízo, para que assuntos dignos de crédito sejam separados de rumores (capítulo XI).

Os autores de “Jornalismo Pós-Industrial” dizem que, na situação atual de crise, é possível afirmar que não é possível preservar os antigos formatos jornalísticos que foram praticados nos últimos 50 anos e que é preciso buscar uma saída para evitar que a prática jornalística leve à pura defesa de interesses pessoais.

No “Jornalismo Pós-Industrial”, os autores afirmam que é necessário entender a reviravolta na produção de notícias e no jornalismo e decidir qual a maneira mais eficaz de aplicar o esforço humano, pois isso será crucial para todo e qualquer jornalista. Para determinar qual o papel mais útil que o jornalista pode desempenhar no novo ecossistema jornalístico, os autores dizem que é preciso responder a duas perguntas correlatas: “nesse novo ecossistema, o que novos atores podem fazer, hoje, melhor do que jornalistas no velho modelo? E que papel o jornalista pode desempenhar melhor do que ninguém?” (p.42).

Para os autores norte-americanos, o papel do jornalista é, também, de porta-voz da verdade, formador de opinião e intérprete. E essa função não pode ser reduzida a uma peça substituível para outro sistema social, como se jornalistas fossem meros narradores de fatos.

Os autores do século XXI acreditam que, embora exista um crescente volume de informações fornecidas por cidadãos, isso não denota que todo jornalista profissional vá ser substituído, nem que possa ou deva sê-lo. Significa, porém, uma mudança na função, que vai se sobrepor ao do indivíduo (ao da multidão, ao da máquina), cuja presença caracteriza o novo cenário jornalístico.

Outro aspecto abordado no “Jornalismo Pós-Industrial” é a busca por conhecimento especializado. De acordo com os autores, atualmente, o jornalista precisa, cada vez mais, exibir um conhecimento profundo de algo além do ofício jornalístico em si:

Diante da maior disponibilidade e da maior qualidade de conhecimentos e comentários de especialistas, a relativa ignorância do jornalismo profissional fica ainda mais patente. Em áreas como economia, ciência, relações internacionais e negócios, a complexidade da informação e a velocidade à qual o público deseja recebê-la, já explicada e contextualizada, deixa pouco espaço para o típico generalista (p.49).

Para Traquina (2005), o jornalismo é quem responde diariamente às nossas inquietações de querer saber o que está acontecendo no mundo. Sobre o papel do jornalista, outro aspecto amplamente discutido por Peucer e pelos autores norte-americanos, Traquina (2005) afirma que os jornalistas são os modernos contadores de “estórias” da sociedade. Bahia (2009) diz que a “prioridade básica” da missão do jornalismo “é difundir notícias. Fora dessa função primordial, absorve muitas outras, como, por exemplo, a de promover o bem comum e a de estimular a mais ampla e livre troca de ideias entre as pessoas, quaisquer que sejam suas convicções” (p.30).

De acordo com Bahia (2009), com o surgimento das mídias sociais o papel do jornalista não muda. O que adquire novo formato é o processo de produção da notícia. Mesmo que inconscientemente, ou talvez sem querer admitir, os jornalistas recebem colaborações de várias partes. A notícia mais do que nunca é confeccionada por meio da colaboração entre profissionais e amadores.

C) Jornalismo como atividade essencial à cidadania

Para Peucer, os relatos tinham utilidade a partir do momento que afetam “a vida tanto privada como pública dos homens” (capítulo XVI). No dossiê, os autores afirmam que o jornalismo é essencial porque expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por promessas e obrigações assumidas. Informa cidadãos e consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica temas complexos e esclarece divergências fundamentais. O jornalismo, dizem pesquisadores, exerce um papel insubstituível tanto em regimes democráticos como em economias de mercado.

No “Jornalismo Pós-Industrial”, os autores são categóricos:

O jornalismo expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por promessas e obrigações assumidas. Informa cidadãos e consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica temas complexos e esclarece divergências fundamentais. O jornalismo exerce um papel insubstituível tanto em regimes democráticos como em economias de mercado (p.33).

Os norte-americanos vão mais além, ao afirmarem que o valor do jornalismo não pode ser reduzido a necessidades secundárias:

Embora o jornalismo desempenhe várias funções que se sobrepõem, nunca houve muita urgência em defini-las. Na época em que o discurso público era escasso (ou seja, durante toda a história até hoje), o jornalismo era simplesmente aquilo que jornalistas faziam; jornalistas eram simplesmente gente contratada por empresários da comunicação, que constituíam o grupo relativamente pequeno de indivíduos com acesso aos meios para tornar público esse discurso (p.33).

D) Questões de credibilidade e fontes

A credibilidade aparece com frequência na tese de Peucer, mas, especialmente no capítulo XIII o autor afirma sua função principal: “Relaciono com a vontade do escritor de periódicos a credibilidade e o amor à verdade: não seja o caso que, preso por um afã partidário, misture ali (...) alguma coisa de falso ou escreva coisas insuficientemente exploradas sobre temas de grande importância”.

No “Jornalismo Pós-Industrial”, os autores afirmam que editores e repórteres, profissionais da arte, fotógrafos, “videomakers”, cientistas de dados e especialistas em mídias sociais têm um ângulo próprio e responsabilidade na narração dos fatos. Para isso, é preciso ter critério e aplicá-lo de forma pública e reiterada. Qualquer que seja o meio de disseminação, a informação hoje é instantaneamente compartilhada, discutida, comentada, criticada e louvada – ao vivo, sem possibilidade de controle.

Integridade e critério são, de acordo com os autores, qualidades que um jornalista arrasta consigo como parte de sua persona pública. Devido à natureza da busca e à publicação contínua, estabelecer um atributo desses ficou mais fácil. Mas, uma vez perdido, é difícil recuperá-lo. Plágio, desonestidade e intenções ocultas são mais difíceis de esconder. Por outro lado, erros factuais, material requeitado e falta de civilidade podem abalar a reputação rapidamente.

Por outro lado, dizem os pesquisadores norte-americano, um bom jornalismo em qualquer esfera pode conquistar autoridade sem apoio institucional. O processo pelo qual o jornalista conquista uma boa reputação (mantendo a integridade, agregando valor à informação para determinado público, demonstrando conhecimento, revelando fontes e explicando metodologias) hoje ocorre em público, em tempo real. O velho modelo de proteção de fontes já não basta. Hoje, o jornalista que quiser ter acesso a fontes sigilosas

deve ser capaz de proteger a informação o suficiente para impedir que as ditas fontes sejam identificadas por ferrenhos inimigos, do poder público ou não.

Instituições jornalísticas precisam buscar um equilíbrio entre necessidades de cada jornalista e mecanismos instituídos para salvaguardar a reputação institucional. Embora tais mecanismos não impeçam, necessariamente, que o profissional construa sua reputação, a necessidade de transmitir informações de forma segura, rigorosa e coerente, dentro de prazos ou nos limites de um determinado produto, pode estar em conflito com o modo mais eficiente de trabalhar para o jornalista.

Com relação a questões de credibilidade, ela existe ainda é latente nos dias atuais, tanto que autores como Bucci (2000) ainda a discutem. De acordo com o autor, a credibilidade é o maior patrimônio de jornalistas e meios de comunicação. Para o pesquisador, a imprensa é a materialização de uma relação de confiança, e não simplesmente um serviço de fornecimento de produtos informativos para o consumo.

E) Questões mercadológicas

Embora Peucer seja sucinto na questão mercadológica do jornalismo, ele afirma que um dos motivos da aparição dos periódicos da época era, em parte, a busca pelo lucro, tanto da parte dos que produziam os periódicos, quanto daqueles que o comercializavam. Passados mais de 300 anos, muito já se discutiu sobre questões mercadológicas. Tanto que no texto dos pesquisadores norte-americanos, a temática é tratada de forma bastante complexa. Eles são enfáticos ao afirmar que “o bom jornalismo sempre foi subsidiado” (p.34) e a questão vem gerando polêmica há algum tempo. No dossiê, sustentam que instituições atuais irão perder receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais.

Nessa reestruturação, dizem, todo aspecto organizacional da produção de notícias deverá ser repensado. Será preciso ter mais abertura a parcerias, um maior aproveitamento de dados de caráter público; um maior recurso a indivíduos, multidões e máquinas para a produção de informação em estado bruto; e até um uso maior de máquinas para produzir parte do produto final. Serão mudanças sofridas, pois irão afetar tanto a rotina diária como a autoimagem de todos os envolvidos na produção e distribuição de

notícias. Sem isso, no entanto, a redução dos fundos disponíveis para a produção do jornalismo fará com que no futuro a única opção seja fazer menos com menos.

Eles são enfáticos ao afirmar que não há na crise atual, solução capaz de preservar o velho modelo. Porém, tendo em vista que, para eles, o jornalismo é essencial e não há solução para a crise, a única maneira de garantir a sobrevivência do jornalismo de que a sociedade precisa no cenário atual é explorar novas possibilidades.

Graças a fenômenos como o movimento da transparência e a disseminação de redes de detecção, um jornalista hoje em dia tem acesso a muito mais informação do que antes. Tem novas ferramentas para transmitir a informação de forma visual e interativa. Tem muito mais maneiras de fazer seu trabalho chegar ao público – a ubiquidade da busca, a popularização de fontes constantemente atualizadas (o Facebook com sua linha do tempo, o Twitter em sua totalidade), o wiki como formato para a inserção de novas informações. Tudo isso faz o público ter muito mais meios de obter e processar notícias (p.38).

Eles afirmam que há um cenário animador, que é poder explorar novas formas de colaboração, novas ferramentas de análise e fontes de dados e novas maneiras de comunicar o que é de interesse do público. A maioria de nossas recomendações ao longo do presente dossiê terá a ver com essas oportunidades.

Conclusões

Ainda que trinta décadas já tenham se passado desde a publicação de “*Relationibus novellis*”, muitas das questões da época são atuais, como verificado no texto do “*Jornalismo Pós-Industrial*”. A principal, como apontado nesse estudo, é a questão do que é notícia. A noção peuceriana de notícia é cheia de atualidade, levantando aspectos centrais da teoria da notícia contemporânea (SOUSA, 2004).

O pesquisador alemão também discutiu outras questões atuais, como a credibilidade e papel do jornalismo e dos jornalistas. Em tempos de *fake news*, que vieram a reboque do crescimento das ferramentas online de propagação das notícias, como as redes sociais e a enxurrada de fontes alternativas, o papel do jornalismo torna-se ainda mais essencial.

Embora Peucer fosse considerado mais conservador, em certos aspectos, do que seus contemporâneos iluministas, aponta Tambosi (2004), o autor soube captar as transformações vividas pela imprensa no século da revolução científica e dos periódicos. A

tese teve o mérito de sistematizar conceitos e regras que, esparsas nas páginas de jornais e revistas, compunham o perfil de uma nova profissão, a de jornalista.

Profissão essa que, em pleno século XXI, se apresenta repleta de desafios, tanto para profissionais quanto para instituições. Tanto que os autores do dossiê norte-americano são categóricos ao afirmar que estamos em meio a uma revolução, e a adaptação às novas fronteiras da profissão é condição de sobrevivência no atual cenário, que prevê o uso intenso de base de dados, além da interação com múltiplas fontes e com o público.

É importante que se estudem as novas preocupações abordadas no texto “Jornalismo Pós-Industrial”, porque se sustenta que, além de novos modelos de negócios, é necessária uma reengenharia nas normas que orientam o exercício do jornalismo. E, segundo os autores, isso é um dos maiores desafios dos profissionais da área. O tema, complexo e profundo, será estudo em um próximo artigo.

Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1996.
- ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay; FÉLIX, Ada (tradução). “**Jornalismo Pós-Industrial**”: adaptação aos novos tempos. In: PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Revista de Jornalismo da ESPM (ISSN 2238-2305), São Paulo, Ano 2, n. 5, p. 30-89, trimestre abr/maio/jun. 2013.
- BAHIA, Benedito Juarez, 1930 – 1998. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**, volume 2 / Benedito Juarez Bahia. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In: STEINBERG, Charles S. (org). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 13-29, jul./dez. 2004. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071>. Acesso em: 14 jun. 2017.

TAMBOSI, Orlando. **Tobias Peucer e as origens do jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 49-59, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2072>. Acesso em: 17 jun. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.